

A economia em tempo de crise, uma nova visão estratégica

Carlos Alberto Teixeira
de Oliveira

"Retomar o crescimento e criar empregos. Toda a política econômica de meu governo estará subordinada a esse dever social. Enquanto houver, neste país, um só homem sem trabalho, sem pão, sem teto e sem letras, toda a prosperidade será falsa."

Tâncredo Neves — 15.01.85

Há mais de vinte anos o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) elaborava e divulgava o



"Diagnóstico da Economia Mineira", estudo sistematizado e profundo sobre o comportamento da economia mineira de então.

Nesse período a economia de Minas cresceu muito, mais do que triplicou e transformou-se substantivamente. No entanto, como àquela época, o fantasma da estagnação paira novamente sobre a economia do Estado do País. Obviamente, as circunstâncias são outras, são diversos os problemas; devem, pois, ser diferentes as soluções. O BDMG, como há mais de vinte anos, tornou recentemente pública a edição de novo documento, intitulado "Economia Mineira 1988 — Diagnóstico e Perspectivas", abrangente estudo em cinco volumes.

Como o anterior, o presente trabalho é uma contribuição do BDMG ao debate, imprescindível e urgente, sobre os problemas da economia mineira, suas potencialidades e as alternativas de superação da crise atual. É, também, por extensão, uma conchamação ao debate da problemática econômica nacional. Sendo Minas Estado síntese do País, não se dá nenhum exagero afirmar que o que for bom para Minas também o será para o Brasil. Não pretende o novo "Diagnóstico da Economia Mineira" uma volta ao passado nem, de forma alguma, enunciar verdades absolutas e irrefutáveis. Pelo contrário, neste momento em que o País está apreensivo pelas suas dificuldades e, por isso, impossibilitado de enxergar o futuro que tem em suas mãos, o novo estudo do BDMG é um grito de esperança e fé, não de retorno ao passado, mas aspirando-se nele.

O pessimismo cobre o País. A descrença é generalizada. Este é o pano de fundo que hoje se coloca diante de nós.

A superação desse estado de coisas e a retomada firme e sustentada do crescimento econômico são fundamentais e inadiáveis. Principalmente por dois motivos:

a) em primeiro lugar, pela enormidade dos problemas sociais do País — que se avolumam exponencialmente, com o aumento da população e a estagnação econômica, a partir de uma base já preocupantemente elevada;

b) em segundo lugar, o panorama internacional, que requer ações de vulto, no sentido da inserção do País na nova divisão internacional do trabalho. Se ficarmos ao largo desse processo, já designado como a terceira revolução industrial, perderemos não mais o bonde mas o foguete da História.

Reiterando afirmações anteriores, a única hipótese é a da retomada do crescimento econômico. Devemos acreditar na superação do quadro atual. O cenário de hoje não pode ser vislumbrado como definitivo, nem o será o da década vindoura.

Esta não é uma crença voluntarista nem gratuita.

Apóia-se nas incontestáveis potencialidades dos recursos humanos e naturais do País, na sua enorme energia social, latente e contida, que carece, apenas, ser coordenada e canalizada para efetivar-se. O episódio recente do Plano Cruzado assim o comprovou.

Apóia-se também em alguns outros aspectos mais específicos:

- a existência no País de uma estrutura industrial quase completa e com grau de modernização razoável, em comparação com países em desenvolvimento;

- a dimensão potencial do mercado interno;

- a excelente situação econômico-financeira das maiores empresas privadas brasileiras.

A revisão do quadro atual exigirá, no entanto, a superação de vários entraves que hoje imobilizam a economia nacional, por consequência, as economias estaduais. Por outro lado, demandará a adoção de posturas ousadas e não convencionais por parte do governo e da sociedade, abrindo espaços e oportunidade para o real desenvolvimento e a modernização do País.

Agora, mais do que nunca, faz-se mister ousar, inovar, destituir-se de preconceitos e de verdades absolutas.

Minas e o Brasil encontram-se, hoje, em um momento crucial de sua história. Permeando todas as grandes questões que se debatem no Estado e no País está subjacente o dilema entre o moderno e o arcaico, o novo e o velho.

Por tudo isso, as questões de natureza ideológica tornam-se secundárias diante da importância de se retomar o crescimento econômico e atingir o desenvolvimento.

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira é presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.